

Ludwig Binswanger: the construction of an epistemological foundation for psychiatry

Antonia Tonus¹ & Guilherme Messas^{2*}

Abstract

Ludwig Binswanger (1881-1966) was one of the pioneers in the approach of the psychiatric psychopathology and the phenomenological philosophy field. A panoramic historiographical review of the author reveals the methodological development of his phenomenological work in three phases of distinct philosophical inspirations. The first one is the Husserlian phase with the application of the concept of intentionality of consciousness; the second one is the Daseinsanalytic of the Heideggerian inspiration phase, followed by the last phase, which is the return to Husserlian thought in his late writings. The present study will focus on the analysis of dialogues and the articulations between the phases of Binswanger's thinking, proposing the hypothesis of a continuous axis in the methodological itinerary of his work, with the objective of creating a scientific epistemological framework for the field of psychiatry.

Keywords: Ludwig Binswanger; phenomenological psychopathology daseinsanalyse; philosophical anthropology; epistemology; history of psychiatry.

Ludwig Binswanger: a edificação de um fundamento epistemológico para a psiquiatria

Resumo

Ludwig Binswanger foi um dos pioneiros na aproximação da psicopatologia psiquiátrica e o campo da filosofia fenomenológica. Uma revisão historiográfica panorâmica do autor revela o desenvolvimento metodológico de sua obra fenomenológica em três fases de distintas inspirações filosóficas. Primeira fase husserliana com a aplicação do conceito de intencionalidade da consciência, segunda fase daseinsanalítica de inspiração heideggeriana, seguida pela última fase de retorno ao pensamento husserliano, agora em seus escritos tardios. O presente estudo tem como enfoque, a análise dos diálogos e articulações entre as fases do pensamento binswangeriano, propondo a hipótese de um *eixo constante* no itinerário metodológico de sua obra, com o objetivo de criar um fundamento epistemológico científico para o campo da psiquiatria.

Palavras chave: Ludwig Binswanger; psicopatologia fenomenológica; daseinsanálise; filosofia antropológica; epistemologia; história da psiquiatria.

¹Hospital do Servidor Público Estadual-SP, Brasil; ²Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Brasil. ✉ antoniatus@yahoo.com.br

Introdução

O tema proposto implica, aos autores, uma escolha de qual perspectiva delinear a obra binswangeriana. Grande parte do material encontrado na literatura que se dedica a esse respeito, enfoca recortes específicos dos escritos de Ludwig Binswanger (1881-1966)¹ que, por sua vez, encontram-se significativamente pulverizados em volumes esparsos de editoras distintas, com raras traduções a partir dos originais, de forma que o terreno pode parecer inóspito. Ainda assim, nossa proposta é apresentar ao leitor uma dimensão metodológica da obra desse autor, cuja expressividade maior se encontra entre a terceira e a sétima décadas do século XX, e cujos desdobramentos são repletos de significados a respeito desse período.

Pretendemos evidenciar um aspecto específico do percurso de Binswanger durante os quarenta anos de elaboração de uma obra de grande envergadura e multiplicidade metodológica. Cientes de que diversas perspectivas poderiam ser apreciadas, optamos por aquela que permite apresentar a construção de um fundamento conceitual, que o autor lapidou ao longo de toda a sua obra, com o intuito de garantir à psiquiatria um status científico que pudesse abarcar a complexidade de seu objeto, o homem em sua totalidade².

Muitas das revisões historiográficas sobre o autor partem de uma concepção evolutiva de sua obra psiquiátrica, descrevendo-a em quatro fases, que podem ser esquematicamente, apresentadas como a seguir³. A primeira fase, de inspiração freudiana, culminando em seu rompimento com a psicanálise, inaugurando então a segunda fase, fenomenológica, fundamentada na leitura de Edmund Husserl (1859-1938), cuja tônica é a aplicação de seu conceito de intencionalidade. A fase seguinte, *daseinsanalítica*⁴, de influência heideggeriana, precede aquela em que se observa um retorno ao pensamento husserliano tardio, e que seria, enfim, a quarta e última fase. Tal subdivisão, apesar de bastante didática, pode dificultar a apreensão de que há um fio condutor permeando toda a obra binswangeriana, a busca epistemológica de fundamentos próprios para uma psiquiatria científica, a partir da construção de uma antropologia fenomenológica.⁵

Não temos dúvida da importância da subdivisão panorâmica apresentada por diversos estudiosos do tema. Entretanto, para o enfoque do presente estudo, propomos que a consideração dos diálogos e articulações entre as fases, mais do que da análise de seus elementos isolados, seria o procedimento capaz de descortinar, através das continuidades, a

¹ Ludwig Binswanger, psiquiatra suíço, foi diretor entre 1911 e 1956 do Sanatório Bellevue, fundado por seu avô e homônimo, em 1857, na cidade de *Kreuzlingen*, Suíça. É conhecido pela aproximação entre psiquiatria e a filosofia fenomenológica, assim como, o desenvolvimento da *Daseinsanalyse*.

² Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo. "A fenomenologia Antropológica de Binswanger," *Aoristo Internacional Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics* 1 no.1 (2017): 124-141.

³ Sobre as fases na obra de Binswanger ver, p.ex., Juliana Pita & Virgínia Moreira, "As fases do pensamento fenomenológico de Ludwig Binswanger," *Psicologia em Estudo* 18, no. 4 (2013): 679-87; ou Caroline Gros-Azarin, "Ludwig Binswanger," in *Entre Phénoménologie et Expérience Psychiatrique* (Chatou: Transparence, 2009), 299.

⁴ Sobre a *Daseinsanalyse* ver, p.ex. Alice Holzhey-kunz, "Introduction à la Daseinsanalyse- Un regard existencial sur la souffrance psychique e as thérapie" (Saint-Denis: Le Cercle Hermeneutique, 2016).

⁵ Herbert Spiegelberg, *Phenomenology in Psychology and Psychiatry* (Evanston: Northwestern University Press, 1972), 193-232.

edificação do método coeso delineado por Binswanger. De maneira que, partindo da perspectiva de seu próprio autor, entendemos que a leitura da obra binswangeriana não pode prescindir da apreensão de sua totalidade, para que finalmente se possa apreendê-la em seu significado maior, em que sua pluralidade de inspirações, suas influências filosóficas diversas e suas abordagens distintas do estudo de caso individual revelarão a evolução coerente de um pensamento dirigido a um objetivo específico, a saber, o desenvolvimento de um estatuto epistemológico adequado para a psiquiatria, considerando suas prerrogativas e seus propósitos.

Dessa forma, propomos aqui um *eixo constante na obra binswangeriana*: a elaboração contínua de uma ferramenta epistemológica que se mostrasse ao mesmo tempo científica e coerente com o estudo do psíquico, sem que com isso tivesse que incorrer naquilo que seu autor considerava uma imprecisão: a aplicação da metodologia das ciências naturais, em conformidade com os modelos vigentes na virada do século XX, que, para Binswanger, seriam amplamente insuficientes⁶ considerando a finalidade em questão.

Bernd Lehfeld,⁷ ao colocar em perspectiva o itinerário conceitual da obra de Binswanger, relata que, ao longo de toda sua obra, as interrogações sobre os fundamentos teóricos estiveram presentes, e foram formuladas em função do avanço de suas pesquisas, dos modos de interrogação e do ângulo de abordagem escolhido. O autor afirma que, apesar de podermos distinguir três grandes períodos em sua obra fenomenológica, com estilos e vocabulários distintos, já expostos acima, ainda assim seria um procedimento redutor tomarmos tais fases como exclusivas em sua ótica de questionamento:

“Binswanger não é somente permeável e aberto às discussões teóricas de seu tempo, mas ainda se apresenta como um pesquisador pioneiro nos conceitos, curioso de espírito, voluntariamente dirigido para a intersecção dos conceitos. Encontramos, portanto, de forma permanente em sua obra, ao lado dos conceitos dominantes da fenomenologia até 1928, da ontologia heideggeriana até início dos anos 40 e dos últimos estudos de Husserl, as “sobreposições” (überlappungen): as retomadas de concepções tão características de seu pensamento, de seu estilo e de sua expressão”.⁸

Para Lehfeld, tanto a fase daseinsanalítica como a última fase de inspiração nas ideias husserlianas tardias, possuem em comum um diálogo que Binswanger manteve, continuamente, com o pensamento de Heidegger, sobretudo a partir do momento onde a questão da problemática do “dasein” (presença, o ser-aí) se transforma na questão da constituição da experiência transcendental da existência.

A análise e o mapeamento da evolução conceitual percorrida pelo autor é com frequência considerada difícil, em parte por sua metodologia densa, de característica não-linear, com múltiplas possibilidades de desenvolvimento, e, por outro lado, pela escassa

⁶ Ludwig Binswanger, “L’appréhension héraclitienne de l’homme (1935),” in *Introduction à L’analyse Existentielle* (Paris: Les Éditions de Minuit, 1971): 159-198.

⁷ Bernd Lehfeld, “Le premier Binswanger,” in *Ludwig Binswanger: Philosophie, Anthropologie Clinique, Daseinsanalyse*, org. Brigitte Leroy-Viémon, (Argenteuil: Le Cercle Hermeneutique, 2011), 293.

⁸ *Ibid.*, 42.

quantidade de traduções, o que favorece uma leitura fragmentada de sua obra. Ressaltamos que uma leitura e uma abordagem restrita a partes isoladas dos escritos do autor, carregam um risco considerável de conduzirem a avaliações distorcidas, à possibilidade de incompreensões de certas propostas.

Para Spiegelberg,⁹ mesmo nesses estudos daseinsanalíticos de esquizofrenia, Binswanger, além de esmiuçar os modos de ser no mundo, vai pontuar a contínua significância da fenomenologia husserliana das essências, como no exemplo do quinto caso, Susanne Urban, no qual a presença da essência do “terrificante” exerce um papel central. A marca husserliana torna-se ainda mais marcante na introdução aos cinco casos onde a esquizofrenia é agora examinada como uma forma de ruptura da pressuposição de Husserl de que toda experiência continuará a se desdobrar no mesmo estilo constitutivo anterior.¹⁰

Também defensora da tese de unidade, a filósofa Ângela Ales Bello,¹¹ propõe que o autor captura com muita agudeza o método fenomenológico, para a aplicação dos conceitos de dimensão transcendental da consciência em psiquiatria. Segundo a autora, Binswanger utiliza o princípio fundamental da fenomenologia, que consiste na individualização daquilo que é recuperado na consciência, aquilo que é imanente. A percepção externa é na verdade um ato interior. Na visão da autora, Binswanger não renunciará, em toda sua obra, da leitura da subjetividade proposta por Husserl, já que esta seria o fio condutor da psicopatologia fenomenológica, mesmo no momento em que este se orientou para a obra heideggeriana.

Os autores desse estudo, cientes de que Binswanger inaugura uma tradição de reflexão epistemológica ainda fecunda, pretendem clarificar os principais momentos de estruturação da obra do autor, que vislumbrava compor um método original e profícuo, onde os primeiros questionamentos sobre um fundamento teórico para uma psiquiatria científica foram recebendo respostas que não se excluía no transcorrer de abordagens ora fenomenológicas, ora daseinsanalíticas e sim se complementavam para compor uma verdadeira compreensão das dimensões constitucionais do homem e seu adoecimento mental.

Para fundamentar a nossa perspectiva de uma visão sobre a unidade e profundidade do método binswangeriano no domínio psiquiátrico, analisaremos excertos das primeiras investigações sobre o conceito de intencionalidade, passando para alguns escritos daseinsanalíticos de sua antropologia clínica, considerando o que essa última forneceu aos estudos dos conceitos husserlianos tardios sobre a consciência íntima do tempo e a fenomenologia da constituição da experiência transcendental, que Binswanger realizou em suas duas últimas obras: *Melancolia e Mania*¹² e *Delírio*,¹³ encontrando o ponto de amálgama entre *dasein* e experiência, parafraseando o próprio autor.

⁹ Spiegelberg, *Phenomenology*, 226.

¹⁰ *Ibid*, 226.

¹¹ Ângela A. Bello, “Alle Origini Della Psicopatologia Fenomenológica: Ludwig Binswanger,” *Rivista Comprendere*, no. 21 (2010): 15-21.

¹² Ludwig Binswanger, *Mélancolie et Manie: Études phénoménologiques* (Paris: P.U.F., 2010).

¹³ Ludwig Binswanger, *Délire* (Grenoble: Jérôme Millon, 2010).

As primeiras edificações de uma nova proposta

Seria injusto, e até mesmo impreciso, atribuir somente a Binswanger o pioneirismo da aproximação da fenomenologia no domínio psiquiátrico e esquecer nomes como Eugène Minkowski, Erwin Straus, Karl Jaspers, entre outros, mas podemos considerar que a aproximação entre estas duas disciplinas tornou-se emblemática e precoce na figura de Binswanger. Camille Abetan coloca claramente essa perspectiva:

“A descoberta de Husserl, e em particular a leitura da obra *Investigações Lógicas*, permite a Binswanger vislumbrar uma nova via para a psiquiatria, especialmente graças à redefinição da consciência em termos de intencionalidade e de sentido. E é devido ao fato da fenomenologia de Husserl lhe parecer ser capaz de conciliar o rigor científico e a proximidade com a experiência tal como ela é realmente vivida, que ele a coloca proveitosamente para repensar a psiquiatria. A aproximação da fenomenologia com a psiquiatria se opera em uma visão metodológica marcada por uma dupla exigência: a necessidade de fornecer à psiquiatria um verdadeiro fundamento epistemológico, e a convicção que o quadro do naturalismo não seria suficiente em fazê-lo, na medida onde não respeita a especificidade do psiquismo.”¹⁴

Três obras do autor podem servir como paradigmáticas para os questionamentos iniciais das bases conceituais da psiquiatria na década de vinte: “*Über Phänomenologie*, 1922” (Sobre fenomenologia); “*Einführung in die probleme der allgemeinen psychologie*, 1922” (Introdução aos problemas da psicologia geral); “*Fonction vitale et Histoire intérieure de la vie*, 1926 (função vital e biografia interior).

A obra “*Über Phänomenologie*” (Sobre fenomenologia), foi apresentada primeiramente como uma conferência proferida no congresso suíço de psiquiatria onde o autor abordou o interesse prático da psiquiatria pelo método fenomenológico, o qual partia da análise do fato isolado empírico individual para chegar à essência supra empírica ou pura. Nesse estudo, o autor contrapõe o método da ciência natural ao fenomenológico, propondo que, no primeiro, tudo parte e se constrói sobre a percepção sensível, externa ou interna, e com a decomposição em propriedades, elementos ou funções. Na fenomenologia, por outro lado, tudo parte e se constrói sobre a intuição categorial ou sobre a visão das essências. No método fenomenológico, o princípio fundamental seria restringir a análise ao que pode ser encontrado na consciência, ou seja, ao que se mostra imanente na consciência e que possui uma essência apreensível em uma visão imediata.¹⁵

Valendo-se da perspectiva mais ampla em que propõe recortar seu objeto de estudo, Binswanger se utiliza dos próprios artistas, como Flaubert, Van Gogh e Franz Marc, procurando ilustrar a contraposição entre percepção sensível e outro tipo de tomada de conhecimento, ou de experiência imediata e direta de algo:

¹⁴ Camille Abetan, Introdução para *Phénoménologie, Psychologie, Psychiatrie*, de Ludwig Binswanger (Paris: Vrin, 2016), 7-19.

¹⁵ Ludwig Binswanger, “De la Phénoménologie (1922),” in *Introduction à L’analyse Existentielle*, de Ludwig Binswanger (Paris: Les Éditions de Minuit, 1971): 79-117.

“Quando o pintor genial Franz Marc pinta cavalos azuis, ele apresenta, com isto, uma propriedade do cavalo, que nunca pode ser encontrada, que nunca pode ser percebida na natureza. Ele bate por meio disto, como se costuma dizer, na cara da natureza, e, apesar disto, ele viu algo e o expressou, algo que precisamente a mais fiel imitação da natureza, (imitação essa que afeta os sentidos), jamais conseguiria expressar , a saber, a “essência” propriamente do cavalo, o cavalo em sua universalidade, abstração, em oposição ao cavalo particular constituído de tal e tal maneira”¹⁶

Binswanger estabelece, portanto, sua oposição ao naturalismo e biologismo de Freud com seu esquematismo pulsional, denominando sua linha de pesquisa como *antropologia fenomenológica*¹⁷ e torna-se parte de um grupo de psicopatologistas envolvidos, de certa maneira, com esse domínio, como: Erwin Straus, Victor von Weizsäcker e Eugène Minkowski.¹⁸

Retomando Lehfeld ¹⁹ que, a respeito dos primeiros posicionamentos fenomenológicos de Binswanger, traz à luz a importância da obra intitulada “*Einführung in die probleme der allgemeinen psychologie, 1922*”, que poderíamos traduzir livremente como: “Introdução aos Problemas Gerais em Psicologia”, obra que infelizmente é muito pouco conhecida fora do círculo de língua germânica. Lehfeld nos relata que a primeira parte do livro é consagrada à reconstituição e a uma perspectiva histórica do psiquismo como objeto de pesquisa, pela nova ciência da psicologia, observado sob diversos ângulos, através da categoria da subjetividade, ou ainda como fenômeno. Na parte final do livro, Binswanger vai colocar em cena as estruturas do edifício conceitual que ele denominará “*ciência da pessoa*”.

“É como se Binswanger tivesse vislumbrado, no curso da exploração das pesquisas que ele considerava como determinantes para sua própria pesquisa, as dimensões ainda imprecisas em seu escopo conceitual. Sinal de uma escrita original em andamento, de um projeto de pesquisa e de fundação em curso de desenvolvimento onde ainda falta a ossatura conceitual inteiramente suposta.”²⁰

É nesse cenário de importantes questionamentos sobre como funciona a consciência, sobre o que se entende por compreensão psicológica, sobre o que é o homem, entre outras reflexões, que, poucos anos depois, em 1926, Binswanger publica o artigo intitulado: “*Lebensfunktion und innere Lebensgeschichte*”,²¹ onde estabelece uma reflexão, não-dualista, sobre o multifacetado conceito de compreensão. Questionando o posicionamento “ou-ou,” entre patologia física ou psíquica, o autor defende o “tanto-quanto” na relação

¹⁶ Ibid, 81.

¹⁷ Ludwig Binswanger, “La conception freudienne de l’homme à la lumière de l’antropologie (1936),” in *Discours, Parcours et Freud* (Paris: Gallimard,1970), 173-237.

¹⁸ Françoise Dastur & Philippe Cabestan, “A obra fundadora de Ludwig Binswanger,” in *Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise*, (Rio de Janeiro: Via Verita, 2015).

¹⁹ Lehfeld, “Le premier”, 38.

²⁰ Lehfeld, 45.

²¹ Ludwig Binswanger, “Fonction vitale et Histoire intérieure de la vie (1926),” in *Introduction à L’analyse Existentielle* (Paris: Éditions de Minuit, 1971), 49-77.

possível entre função vital e história de vida interior, onde o que interessa é a sequência histórica única dos conteúdos vivenciais da pessoa individual, como origem e centro de todas as vivências.

Da ontologia fundamental para uma antropologia psiquiátrica

As primeiras propostas de revisão metodológicas para uma psiquiatria científica aconteciam, quando foi publicado em 1927 “Ser e Tempo” de M. Heidegger, promovendo expressivo impacto nas obras de Binswanger que se seguiram. Do modelo teórico sobre a ontologia fundamental da presença humana, o autor extrairá, de forma particular e original, uma leitura para o ser, em sua existência fática e individual para depois analisar e estabelecer as formas de estar no mundo nos maníacos e esquizofrênicos.

Nessa época, suas investigações buscaram compreender o homem como “*dasein*” e “*ser-no-mundo*”, compondo o período da antropologia fenomenológica, que, somente *à posteriori*, na década de quarenta, passa a ser denominada “*daseinsanálise*”.²² Compreendido entre a publicação, em 1930, de “Sonho e Existência” e suas duas últimas importantes obras “*Melancholie und Manie, 1960*” (Melancolia e mania), e “*Whan, 1965*” (Delírio), o assim chamado período *daseinsanalítico*, foi marcado por uma pluralidade de obras, ora estabelecendo uma análise clínica de casos, seja da condição de mania como de esquizofrenia, ora realizando profundas investigações filosóficas como em sua obra “*Grundformen und Erkenntnis des menschlichen Daseins, 1942*” (Formas fundamentais e conhecimento da existência humana), ou colocando em diálogo questões antropológicas gerais com suas implicações em condições fáticas do adoecimento, como em sua obra “*Drei Formen Missgückten Daseins, 1956*”, (Três formas da existência malograda).

No ano de 1933, Binswanger publica sua obra intitulada “*Über Ideenflucht*” (Sobre Fuga de Ideias). Nesse trabalho, o autor tem por objetivo a elaboração da estrutura antropológica do fenômeno “*fuga de ideias*” não visto mais apenas como sintoma, mas penetrando nessa condição humana por uma dissecação profunda da possibilidade do existir na espacialidade dos maníacos, descrevendo o “*ser-no-mundo*” maníaco como em saltos e turbilhão, desdobrando-se em uma espacialidade da amplitude diluída e luminosa.²³

No início da década de quarenta principia o longo estudo dos cinco casos de esquizofrenia,²⁴ reunidos na obra “*Schizophrenie*”, (Esquizofrenia), publicada em 1957, e que recebe uma introdução onde o autor imprime uma articulação dos conceitos de *dasein* e experiência²⁵.

Em sua obra filosófica maior, de 1942, Binswanger contrapõe ao existencialista proposto por Heidegger como “*Sorge*” (cuidado, preocupação), descrito como condição

²² Dastur & Cabestan, 64-65.

²³ Ludwig Binswanger, *Sur la Fuite des Idées* (Grenoble: Jérôme Millon, 2000), 313-314.

²⁴ Os casos de esquizofrenia descritos por Binswanger são: Ilse, Ellen West, Jurg Zutt, Lola Voss, Suzanne Urban, publicados em conjunto em: Ludwig Binswanger, *Schizophrenie* (Tubingen: Neske, 1957).

²⁵ Jacob Needleman, “Introduction to Schizophrenie,” in *Being-in-the-World. Selected Papers of Ludwig Binswanger* (New York: Harper Torchbooks, 1967), 249-265.

fundamental do *existir-em-um-mundo*, com as noções de “*Heimat*” (pertencimento) e a de “*Wirheit*” (noseidade), e propõe, então, uma nova maneira de compreensão ontológica do Homem como transcendência do ser para o Amor, na fusão dual do nós, e à protetora sombra do encontro e da comunicação, assegurada pelo mundo familiar comum.²⁶

Brigitte Leroy-Viémon,²⁷ em uma tentativa de apreensão a respeito da atualidade da obra de Binswanger, propõe que este coloca uma tese central em sua obra filosófica *Formas Fundamentais e Conhecimento da Existência Humana*: a subjetividade já é antes de tudo uma intersubjetividade, tese emblemática que promove um “salto epistemológico, teórico e metodológico”, advindo de uma *práxis* sempre original do autor.

Mireille Coulomb, em uma extensa e profunda tese dedicada ao pensamento de Binswanger sobre o ser como dualidade em sua expressão plena, intitulada: *Fenomenologia do Nós e Psicopatologia do Isolamento*, consegue elucidar as imbricações de uma ontologia no binômio subjetividade-intersubjetividade e suas inflexões e desvios na psicose:

“[...] para Binswanger a existência não patológica implica em repouso, acolhimento mas também prática e encontro, alteridade da transcendência de um mundo comunitário sobre o qual o sujeito fundamenta suas visadas intencionais [...] O *dasein* patológico não está mais em coincidência com o mundo cotidiano e em preocupação (*souci*) do público mas, ao contrário em luta com ele. O mundo cotidiano e habitual é de fato um obstáculo ao ideal extravagante e se apresenta como uma alternativa perigosa, não podendo portanto, ser vivido como familiar e tranquilizador [...] O psicótico não pode residir na confiança tranquilizadora do mundo cotidiano pois esta não existe para ele, mas mostra-se ao contrário, pelo perigo de destruição de seu sistema de defesa rígida que ele laboriosamente construiu: ser-no-mundo é para ele manter um equilíbrio precário entre duas armadilhas, a cotidianidade perigosa e a alternativa rígida de seu ser-no-mundo...o delírio não é senão a forma mais última destas contradições.”²⁸

Portanto, para a autora, já neste ponto de sua obra, o que Binswanger considera alterado na doença mental é mais o “*ser-com-os-outros*”, o mundo comum, que o “*ser-no-mundo*” cotidiano da preocupação.

Neste ponto crucial de divergência entre a ontologia fundamental heideggeriana para a proposta de desvio e fracasso na intersubjetividade na psicose, Binswanger consegue iluminar por contraponto uma noção própria e original de uma ontologia implantada no ser fático não adoecido, assim como em suas alterações no campo psicopatológico.

²⁶ Augusto L. Nobre de Melo, *Psiquiatria 1* (Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980), 200.

²⁷ Brigitte Leroy-Viémon, “Actualité de Binswanger pour la Psychothérapie,” in *Ludwig Binswanger: Philosophie, Anthropologie clinique, Daseinsanalyse*, org. Brigitte Leroy-Viémon, (Argenteuil: Le Cercle Hermeneutique, 2011), 7-15.

²⁸ Mireille Coulomb, *Phénoménologie du Nous et Psychopathologie de l’Isolément- la Nostrité Selon Ludwig Binswanger* (Paris: Le Cercle Herméneutique, 2009), 56-7.

Articulações entre a *daseinsanálise* e uma fenomenologia transcendental constitutiva

Observamos que no amadurecimento de seu método, Binswanger não conclui a *daseinsanálise* e inicia uma fenomenologia transcendental, mas sim cria uma complementariedade entre o modo de ser-no-mundo (*dasein*) e um modelo de experiência. Para Jean-Paul Ricoeur, a fenomenologia de Husserl será sempre subordinada à ontologia de Heidegger:

“[...] uma das origens das questões que podemos colocar sobre a influência recíproca de Heidegger e Husserl, reside naquilo que, tanto na “Schizophrenie” como “Melancholie und Manie”, os conceitos de “*dasein*” e de “experiência” não estão rigorosamente distinguidos: chegam a ser utilizados como sinônimos. Na introdução de “Schizophrenie” mostrou os momentos falhos na estrutura do *dasein*...mas o primeiro conceito fundamental desta pesquisa não foi, de fato, um conceito *daseinsanalítico*, mais um conceito relevante do campo da experiência: aquele da “inconsequência da experiência”. Esta inconsequência da experiência significava uma impossibilidade de “deixar ser os entes e da nossa “permanência tranquila entre as coisas”, o que parece autorizar uma identificação entre *dasein* e experiência.”²⁹

Husserl havia, no início do século XX, conduzido a filosofia para outra direção; uma nova época filosófica iniciada por uma fenomenologia descritiva radical, seguida por uma elaboração dos problemas da fenomenologia transcendental, para no fim da sua vida chegar à uma fenomenologia constitutiva genética.³⁰

Acreditamos que em paralelo, Binswanger inaugura, em 1922, a aplicação dos conceitos inovadores husserlianos de intencionalidade no campo do saber e prática psiquiátrica e, assim como Husserl, irá, ao longo de sua obra, retomar esse conceito, aprofundando-o em seus escritos tardios intitulados fenomenologia da constituição transcendental ou genética.

Portanto, o autor, em sua penúltima obra, “Melancolia e Mania”, retoma o tema da intencionalidade:

“A doutrina husserliana da consciência intencional constitui a única ciência que nos permite realizar o que as doutrinas do organismo ou a biologia realiza para a medicina do corpo.”³¹

Depois de ter olhado, na década de vinte, para a consciência como intencionalidade, e de ter mapeado e descrito, durante as décadas de trinta, quarenta e cinquenta, os estilos de ser-no-mundo, neste momento o foco de atenção de Binswanger será dissecar o estilo

²⁹ Jean-Paul Ricoeur, *Délire de L. “Binswanger et le Recours a la Phénoménologie Transcendentale”* (tese de doutorado, Faculté Mixte de Médecine et de Pharmacie de Marseille, 1969).

³⁰ Wilhelm Szilasi, *Introduction à la Phénoménologie D’Edmond Husserl* (Paris: Le Cercle Herméneutique-Collection Phéno, 2011).

³¹ Binswanger, *Mélancolie et Manie*, 82

constitutivo da consciência nas condições assim chamadas psicóticas. E para tal utilizará como base um importante pressuposto de Husserl:

“O mundo real não reside senão na pressuposição constantemente prescrita que a experiência continuará a se desdobrar seguindo o mesmo estilo constitutivo.”³²

Para o filósofo François de Gandt,³³ o projeto buscado entre 1960 a 1965, em suas duas últimas obras, é de um mergulho no funcionamento da experiência, um esforço em descrever os modos de constituição nas operações estruturais da consciência: por exemplo, como a melancolia deforma as operações dinâmicas usuais das relações entre passado, presente e futuro (utilizando a estrutura temporal fundamental de Husserl na articulação simultânea entre retenção, apresentação e protensão), ou ainda, como a apreensão do outro como alteridade é falseada nas condutas maníacas.

Por outro lado, de Gandt reafirma a existência, na vasta e rica obra binswangeriana, de uma continuidade que aparece somente a partir de um olhar sinóptico sobre o global das obras, ou seja, uma perspectiva que possibilite ver as partes de um conjunto de uma só vez. O estudioso argumenta que as duas últimas obras de Binswanger são a versão mais ambiciosa e radical das análises dos vividos, em suas dimensões constitutivas, e onde a fenomenologia husserliana acaba por fornecer, a Binswanger, a possibilidade de acessar a constituição normal e permitir que ele acesse a experiência patológica.

O autor ainda propõe, como fio condutor da continuidade na obra binswangeriana, a presença da tese de Husserl sobre a permanência do estilo constitutivo na experiência, na obra *“Sur la fuite des idées”*³⁴, na obra *“Mélancolie et manie”*³⁵, e na obra *“Délire”*³⁶. Nessa última obra, para de Gandt, Binswanger coloca em plena luz as falhas da experiência delirante.

Concordando com o acima exposto, entendemos a obra *“Délire”* como o resultado, profícuo e denso, alcançado no itinerário de Binswanger. Neste momento, já em mãos dos achados daseinsanalíticos provenientes da inconsequência da experiência na esquizofrenia, o autor reconhece e sabe onde aplicar, genialmente, as propostas husserlianas da constituição imanente na consciência da experiência transcendente, avaliando meticulosamente a síntese passiva da constituição íntima do tempo e suas possíveis falhas na vivência delirante.

³² Edmund Husserl, *Lógica Formal y Lógica Transcendental: Ensayo de una Critica de la Razón Lógica* (Ciudad de México: Universidad Autonoma, 1962), 222.

³³ No dia 10 de Dezembro de 2016, François de Gandt apresentou à Ecole Française de Daseinsanalyse a conferência *“Sur Délire de Binswanger,”* à qual fazemos referência nesta subseção. A íntegra da alocação do estudioso encontra-se disponível no website da Ecole Française e pode ser acessado em: http://www.daseinsanalyse.fr/index.php?option=com_content&view=article&id=99:de-gandt-f-10122016&catid=2:textes-des-communications&Itemid=16 (Último acesso em 23 de Outubro de 2018).

³⁴ Binswanger, 286.

³⁵ Ibid., 22, 49.

³⁶ Ibid., 49.

“Em nossos estudos sobre esquizofrenia, reunidos no livro “Schizophrenie” de 1957, os conceitos de Dasein e de experiência não foram rigorosamente separados [...] eles foram utilizados até aqui de maneira quase sinônima [...] na verdade já o conceito fundamental de nossa pesquisa era decorrente do campo da experiência, mesmo que se trate de uma experiência próxima do Dasein, a saber o conceito de sua inconsequência no sentido de uma quebra de sua consequência. Nesta ocasião era imposto a nós uma digressão sobre a experiência natural, na qual nosso Dasein, para falar com Szilasi, se move não somente de maneira não reflexiva mas também não problemática e sem surpresa, precisamente como encadeamento natural de sucessões. É aqui que reside a pedra de base do amalgama entre experiência e Dasein”³⁷

Não teríamos espaço aqui para reproduzir todos os argumentos daseinsanalíticos sobre a esquizofrenia e o possível desfecho em delírio, já tão minuciosamente exposto na introdução da obra “Schizophrenie” (1957); estes são apenas alguns excertos do autor para argumentar que partirá dos achados daseinsanalíticos, para seguir por uma análise fenomenológica da constituição da experiência delirante.

Em seu último livro, “Délire”³⁸, ao demonstrar as falhas na gênese do delírio, Binswanger expõe as etapas constituintes da experiência normal segundo os escritos tardios de Husserl, com os quais entra em contato através da obra do filósofo Szilasi.³⁹

Nessa obra, o autor descreve as etapas da experiência normal partindo de uma primeira apresentação daquilo que nos é dado de maneira imediata como sendo um “*caos de impressões*”, que em seguida é submetido, através dos órgãos dos sentidos, a uma filtragem decisiva resultando nas “*sensações sensoriais determinadas*”, que sofrem uma unificação sintética resultando em uma “*percepção*”.

O autor ressalta que, para colocar em forma sintética as impressões em intuições, este processo se desenvolve seguindo regras determinadas, ou seja, a apreensão intuitiva primária, que antes de constituir algo na consciência, obedecem às regras rigorosas já descritas por Aristoteles: síntese da *Aisthesis*, *Mnémé* e *Phantasia*, processo responsável pela criação, estabelecimento e manutenção das impressões sensoriais, fazendo “aparecer” algo, a coisa.⁴⁰

O ponto forte e essencial para a compreensão do delírio no campo da psicopatologia, neste argumento usado por Binswanger, é o fato de que a mais simples apreensão sensorial se desenvolve seguindo uma “*prescrição*” determinada.⁴¹ O autor prossegue afirmando que a base para tal prescrição rigorosa é o encadeamento de remetimentos entre os atos intencionais isolados, e que estes remetimentos são, na comunicação cotidiana, idênticos para todos os participantes (lógica comum). Importante sublinhar que a noção de remetimento a uma cadeia de significados construídos na linguagem e cultura que o

³⁷ Binswanger, *Délire*, 26.

³⁸ Binswanger, *Délire*, 34-40.

³⁹ Wilhelm Szilasi, *Introduction à la Phénoménologie D'Edmond Husserl* (Paris: Le Cercle Herméneutique, 2011).

⁴⁰ Binswanger, *Délire*, 34.

⁴¹ *Ibid*, 35.

indivíduo pertence, já havia sido explorada na obra de transição entre a *dasein* análise e seus últimos escritos na célebre obra *Três Formas da existência malograda*, 1956, na análise existencial da excentricidade.⁴²

Binswanger, então, analisa a hipótese que os encadeamentos de remetimentos entre os atos intencionais isolados tornam-se temáticos somente no adoecimento mental, onde vemos direções anormais de remetimentos, que determinam modalidades alteradas neste encadeamento. Para o autor, aqui já temos uma insuficiência primária da experiência nos doentes.⁴³

Outro ponto importante apreendido pelo autor, na compreensão de como a consciência opera nesta estrutura temporal, é de não conceber a construção das operações da consciência em um sentido de superposição de etapas e sim como Husserl propôs, como um *devoir vivo* e que flui constantemente.⁴⁴

Tais propostas permitem desdobramentos muito valiosos, no sentido de trazer uma clarificação do funcionamento dinâmico do nosso processo mnêmico que se mostra como um reservatório continuamente atualizado dentro de um fluxo contínuo de vivências com incessantes novos aportes.

“Para Husserl a questão do tempo está no centro da interioridade da consciência. O objeto da pesquisa é esta capacidade que tem o presente da consciência não somente de apreender aquilo que é presente, mas também de reter aquilo que passou e de tornar presente aquilo que é futuro.”⁴⁵

Com esta aplicação sofisticada dos conceitos husserlianos sobre o funcionamento da consciência interna do tempo, Binswanger mostra passo a passo as alterações de uma experiência delirante fazendo emergir a alteração da temporalidade nestes casos:

“A razão aqui é que o “tempo” no sentido de consciência interna do tempo, dos encadeamentos internos, ou melhor, do remetimento um ao outro da retenção, da protensão e da apresentação, NÃO forma mais nenhum fluxo, e sim para. A etapa de impressão (percepção ou intuição) não é aqui, uma fase limite de retenções a relacionar-se continuamente e intencionalmente uma à outra, mas já uma fase final (intratemporal) quer dizer, uma fase sem protensões própria. Não é outra coisa senão um “conglomerado” de tais impressões”.⁴⁶

Binswanger avança na transcrição do funcionamento da consciência proposto por Husserl para dissecar a condição delirante, entendendo esta como uma deficiência em tornar legível o texto do mundo, ou seja, as relações mundanas, o si mesmo e os outros, como

⁴² Ludwig Binswanger aborda no capítulo: análise Existencial da Excentricidade, o conceito de cadeia de remetimentos e todos finalizados na obra: Ludwig Binswanger, *Três Formas da Existência Malograda: Extravagância, Excentricidade e Amaneiramento* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977), 49-80.

⁴³ *Ibid.*, 36.

⁴⁴ Binswanger, *Délire*, 37.

⁴⁵ Edmund Husserl, *Sur la phénoménologie de la conscience intime du temps*. (Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2003), 23.

⁴⁶ Binswanger, *Délire*, 43.

consequência de uma deformação da relação transcendência e imanência. No delírio temos uma rigidificação das operações da consciência (Aisthesis, Mnémé, Phantasia) em um aparelho de registro único. A intuição normal propõe tarefas sempre novas à Mnémé, mas aqui no lugar da variabilidade e da mobilidade da constituição da Mnémé, aparece uma redução à uma experiência monótona. Vemos aqui uma alteração da espontaneidade para uma consciência que caminha para pura receptividade.⁴⁷

Analisar as duas últimas obras de Ludwig Binswanger: *“Melancholie und Manie, 1960”* (Melancolia e Mania) e *“Wahn, 1965”* (Delírio) desconectadas dos escritos que as precederam, ou seja, de sua fase inicial fenomenológica ou da sua assim chamada daseinsanálise, seria incorrer em possíveis distorções da elaboração de um método que se construiu ao longo de mais de quarenta anos. Método este, que admite imbricações vindas de algumas inspirações fenomenológicas não excludentes, mas sim aliadas na complexa tarefa de criar um método que pudesse traduzir a complexidade das doenças psicóticas.

Seja no estudo *“Melancholie und Manie”*: uma doutrina da intersubjetividade ou na obra *“Wahn”*: um modelo para a compreensão da consciência delirante, Binswanger consegue clarificar o binômio subjetividade- intersubjetividade nas psicoses via o extraordinário modelo husserliano de como a consciência humana opera.

Conclusões

A obra binswangeriana pode ser um exemplar paradigmático do diálogo entre psicopatologia e fenomenologia, revelando que a união destas duas disciplinas parece responder a um interesse mútuo. O termo psicopatologia fenomenológica desfruta atualmente de um reconhecimento evidente, tanto da parte dos especialistas em problemas mentais como da parte dos filósofos que trabalham inseridos na corrente fenomenológica:

“Do ponto de vista da fenomenologia a cooperação com a psicopatologia dá acesso a uma nova região do ser que lhe revela as profundezas até o inexplorado. Aproximando-se sobre as experiências onde o homem é desprovido de suas capacidades, as mais próprias, a fenomenologia repensa então o quadro que retrata a existência humana. Ela aqui desloca os acentos e introduz as nuances para revelar seus pontos sensíveis e precisar, assim, sua estrutura fundamental. Da parte da psicopatologia, esta se inspira por sua vez, das descobertas feitas pelo olhar fenomenológico que se inclina sobre a vida interior do paciente e que, assim fazendo, contribui para aprofundar e mesmo rever a nosologia e a nosografia psiquiátrica”⁴⁸

Binswanger, portanto, ao estabelecer metodologicamente o diálogo entre filosofia fenomenológica e psicopatologia constrói um modelo paradigmático de duplo desvelamento

⁴⁷ Ibid, 103.

⁴⁸ Svetlana Sholokhova, “Les Angles Morts de la Psychopathologie Phénoménologique ou Ce Que Devenir Psychiatre-Phénoménologue Veut Dire: Les Cas de Ludwig Binswanger,” in *Psychopathologie et Philosophie. Nouveaux Débats et Enjeux Contemporains*, orgs. Jérôme Englebert et Geégory Cormann (Paris: Le Cercle Herméneutique, 2017), 251.

do ser humano: tanto em suas possíveis variações ontológicas quanto em seu adoecimento patológico, compreensão esta que já procurava desde o início de suas pesquisas e estendeu-se por toda sua obra dentro de um *eixo de continuidade*.

Edifica de fato um método de operar na psiquiatria, de bases verdadeiramente antropológicas, centrado na globalidade do homem constituindo uma ferramenta epistemológica humanista que tanto é necessária para uma abordagem não dualista da complexidade do campo do adoecimento mental. Binswanger ao aplicar os conceitos de Husserl sobre a constituição transcendental da consciência para a análise do delírio, valida um riquíssimo método para o campo das neurociências, um legado que pode servir como um modelo a ser replicado em outras condições psicopatológicas que não a esquizofrenia, mania ou melancolia.